

DO LAR À MEDICINA DE DIAGNÓSTICO: UMA TRAJETÓRIA DE EMANCIPAÇÃO E LUTA POR FORMAÇÃO E IDENTIDADE PROFISSIONAL COM IGUALDADE DE GÊNERO

Data de aceite: 01/02/2024

Leila Patrícia Bernabe

Bacharel em Direito, pós-graduada em Direito Previdenciário pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestranda em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPG-DRS, UNIOESTE)

Alvori Ahlert

Pós-Doutor em Educação, Doutor em Teologia (Área: Religião e Educação), Mestre em Educação nas Ciências (Área Filosofia). Professor Associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável – PPG-DRS. Pesquisador do Grupo Interdisciplinar e Interinstitucional de Pesquisa e Extensão em Desenvolvimento Sustentável – GIPEDES (Unioeste) ; do Grupo de Pesquisa de Economia da Religião, do Centro de Estudos Socioeconômicos (UEM) ; e do Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar - GEPEF (Linha de Pesquisa Formação de Professores)

<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9343620055632343>
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0606333425732569>
<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/7034975025881353115865>
<http://orcid.org/0000-0001-9984-6409>
<http://lattes.cnpq.br/6070773522751798>

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo discutir a identidade e igualdade de gênero desde a experiência emancipatória na pessoa de uma mulher oriunda da agricultura familiar, mãe e esposa, que enfrentou as barreiras de gênero e estudou medicina, tornando-se profissional na medicina de diagnóstico.

A metodologia se delineia como um estudo exploratório, realizado através da técnica de entrevista informal com uma mulher, de profissão médica, oriunda do interior do Estado do Paraná.

O tema foi desenvolvido através do diálogo sobre sua vida, desde a infância e adolescência, como menina no interior do Paraná. Sua trajetória de vida como mulher, esposa, mãe num mundo rural de produção de *commodities* em larga escala; sobre a sua experiência inicial como mulher em regiões inóspitas, suas principais dificuldades e limitações relacionadas ao gênero no mundo da ruralidade daquele tempo, suas principais motivações para

cursar medicina na Universidade de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia; sobre sua experiência de identidade de gênero no campo da medicina, desde o curso de medicina, e depois na prática médica aqui no Paraná e o papel da cultura neste forjar uma identidade como mulher/médica; sobre o que acredita ser sua contribuição na vida das mulheres ao serem atendidas por uma mulher médica; sobre suas percepções a cercar dos tabus, culturas opressivas que ainda atingem as mulheres diante da exposição e do cuidado com o seu corpo no campo dos diagnósticos médicos; suas opiniões sobre a religião e gênero, isto é, o papel da religião na emancipação da mulher e sobre a interferência da religião na liberdade da mulher em sua busca pela igualdade de direitos na sociedade; sobre o maior desafio no trabalho na perspectiva da saúde das mulheres; e sobre sua opinião quanto aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), através dos quais a ONU tem desafiado os países signatários a “atingir a igualdade entre os gêneros e empoderar a todas as mulheres e jovens” (ODS 5).

A partir do Projeto de Pesquisa: “Ética, bioética e ideologias: inter-relações nas organizações, nas comunidades, na educação formal, popular e ambiental na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável”, vinculado à Linha de Pesquisa *Desenvolvimento territorial, meio ambiente e sustentabilidade rural*, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável (PPP-DRS), da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), desenvolvemos uma pesquisa sobre gênero em contextos do desenvolvimento rural, sobre sustentabilidade e equidade de gênero. Na diversidade de experiências e lutas das mulheres por emancipação e igualdade de gênero. Com este objetivo, investigamos a trajetória de uma mulher, filha de um pai, agricultor e beneficiador de arroz (agricultor que possuía um descascador de arroz) e uma mãe do lar, com 6 filhos e bóia-fria. Ao sair de casa, aos 15 anos, casou-se com um trabalhador rural (empregado em fazenda de produção de soja), formou uma bela família, mas, ainda carregava consigo o desejo de ser da formação no ensino superior de medicina.

O destino dessa jovem senhora, batalhadora e incansável lhe guardava uma surpresa. E, não era sobre um bem material. Era sobre o seu desejo, a sua fé e a sua crença em Deus. Depois de muito labutar pela vida a fora, mãe de 03 filhas e 01 filho, no ano de 1994, ela, com 34 anos de idade, Deus a coloca de frente para a Universidade Cristiana de Bolívia (UCEBOL), no curso de Medicina. Sem pensar, começou a estudar freneticamente, acreditando que o idioma seria o seu único adversário, o que depois, rapidamente, se tornou familiar. E, os obstáculos foram aparecendo logo nos (02) dois primeiros meses do curso. A sua filha do meio, com 8 anos de idade, teve um problema grave de saúde e precisou ficar internada na UTI por uma semana, com tratamento de psicoterapia regular porque acreditavam que poderia ser espiritual para que a protagonista dessa história não a pudesse contar no futuro, ou seja, os médicos não fecharam um diagnóstico para o caso, apenas trataram os sintomas que, segundo eles mesmos, era espiritual.

Dessa forma, passamos entrevistar essa mulher esperançosa e segura dos seus quereres, onde rompeu barreiras para tornar-se referência na área de diagnóstico por imagem e, conseqüentemente, ajudar outras tantas mulheres que necessitam do serviço de saúde humanizado.

Sobre a entrevista, segue sua íntegra

Leila Bernabe e Alvori Ahlert (PPG-DRS, Unioeste) – Inicialmente desejamos externar nossa gratidão pela senhora aceitar participar dessa pesquisa e conceder a presente entrevista. A senhora poderia iniciar com uma apresentação: Sua vida, desde a infância e adolescência, como menina no interior do Paraná. Sua trajetória de vida como mulher, esposa, mãe num mundo rural de produção de *commodities* em larga escala. Quais foram as suas principais motivações?

Neide Calixto – Eu nasci em uma família pobre que viviam nos arredores da cidade de Boa Esperança/PR. A minha família morava em um sítio, numa casinha de madeira, piso de chão e colchão de palha. Eu ia à escola cedinho, me sentava naquelas carteiras duplas e, de lanche, levava comidinha no caldeirão. Eu escrevia com a maior perfeição do mundo. A minha professora se chamava Alzira. Quando eu voltava da escola, eu fazia a tarefa debaixo de uma árvore chamada canelinha. Eu me sentava na raiz dessa árvore e ali eu estudava e fazia minha tarefa, porque eu não tinha mesa para estudar. Quando eu acabava, eu ajudava a minha mãe a picar lenha no machado. A minha mãe picava e eu amarrava os feixes de lenha para ajudar a minha mãe a carregar. Ia também, na mina ajudar a minha mãe a lavar roupa. Essa era uma Neide. Ao lado dessa Neide, tinha um sonho. Desde criança, eu queria ser médica. E não sabia e nunca tinha visto um médico, porque meu pai nunca havia me levado ao médico. Eu fiz o meu pai comprar uns livros, que passaram vendendo na estrada do sítio. Aí, eu começava a ler aqueles livros e, com nove anos, eu quis aprender a fazer injetável. Éramos muito pobres. Eu brigava quando o meu pai assinava o meu boletim escolar porque ele tinha a letra feia. Ele não tinha muito estudo. E, eu queria que ele assinasse o boletim com a letra igual a da professora. Do lado da minha casa, tinha uma igreja de madeira e, todos os dias eu ia lá para rezar e pedir para Deus que eu tinha um sonho, que eu queria ser médica e Deus precisava me ajudar, abrir um caminho pra mim.

Com isso, comecei a rezar o terço, que rezava na igreja católica. Com nove anos, eu liderava o terço. Na via sacra, ajudava o padre, que vinha uma vez cada quinze dias. Bom, passei da escolinha do sítio para o ginásio. Como o ginásio era quinze quilômetros de casa, o meu pai pagava uma Kombi pra levar a gente. Aí, eu ia lá naquele ginásio e me destacava porque eu só tinha nota dez. Chorava, quando tirava um noventa e cinco. Com dez anos, eu fazia injeção, eu curava ferida da perna das pessoas, no sítio. Onde eu sabia que tinha um doente, eu ia lá. E eu não tinha um médico pra me inspirar. E nem um farmacêutico. O pai fazia remédio pra nós em casa.

Eu queria mudar. E, eu pensei, vou arrumar minhas coisas e ir embora em busca do meu sonho. E assim, com treze anos, eu já tinha essa idéia fixa na cabeça. Comecei a namorar com quatorze anos e, com quinze, eu conheci o Valdir e após 60 dias de namoro resolvi ir embora com ele pra Maringá. Ele passou a ser meu marido. Meu pai não aceitava que eu havia fugido de casa. O meu marido também era muito pobre. Era trabalhador, mas, também, não tinha condições financeiras. Mas eu pensei, eu vou lutar, pelo menos eu vou sair daqui do sítio e vou morar em Maringá. Eu pensava que lá na frente tinha uma escada que eu tinha que subir pra eu falar vitória lá de cima. Nós começamos uma família. Aí foi a primeira frustração. Parei de vez com o estudo. Eu vi o meu sonho desabar, mas, não perdi aquela vontade de construir aquilo que eu tanto sonhava. Com 16 anos tive a minha primeira filha, a Leila. Depois, o meu marido quis ir morar e trabalhar no Mato Grosso, abrir uma fazenda para plantio de soja. De novo, meu sonho desabou. Naquele lugar só tinha uns seis barracos e uns cem pião e, 75 quilômetros de distancia da cidadezinha mais próxima. Era a divisa de Goiás. Alto Taquari. Não tinha nada. Era gente matando gente. Pensei: Meu Deus, o que eu posso fazer aqui? Me entregar a Deus por tudo. Me apeguei à bíblia, pois não tinha igreja. Quando dava cinco horas da tarde, no pôr do sol, eu ia atrás da minha casa, abria a bíblia, ajoelhava no chão e lia dois, três salmos. E ali era a minha oração. E eu não era triste. Eu era feliz porque eu sabia que Deus um dia ia me tirar dali para eu continuar meu sonho. Logo engravidei da outra neném. Naquele lugar. Não fiz pré natal. Tive os nenéns de parto normal. Sempre colocando Deus na frente. Quando a Leila precisou começar ir à escola, eu voltei morar em Maringá. E eu queria voltar a estudar, descobri o supletivo e comecei a estudar com os livros do Roberto Marinho. E todo mundo ria de mim e diziam, nossa, mas você acha que vai fazer vestibular com esse livrinho aí? Eu falava, não sei. Nem sabia direito o que era vestibular. Por fim, terminei o segundo grau. Pensei, agora quero vestibular, mas, as pessoas diziam que era muito concorrido. Então fui atrás do cursinho Drumond. Eu nunca tinha visto uma apostila e, de repente me deparei com as do cursinho toda colorida. Fiquei muito emocionada. Como na UEM-Maringá não tinha o curso de medicina ainda, eu me inscrevi no curso de Química. Precisava de 240 pontos e eu passei com 817 pontos e fiquei na 17º lugar na classificação geral da UEM. Fiquei muito feliz e triste ao mesmo tempo, porque ainda não era medicina. Cursei o primeiro ano e no final do segundo ano, meu esposo quis morar e trabalhar em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Tranquei o meu curso na UEM e comecei medicina na Bolívia. O primeiro, o segundo e o terceiro ano foram difíceis por conta da adaptação, da doença na filha caçula, o idioma, mas, superei. No quarto e no quinto ano o meu marido havia perdido tudo lá e tinha eu voltar para o Brasil. Eu fiquei sozinha, morando num quarto para terminar metade do quarto ano e o quinto. Como eu era uma boa aluna, a universidade deferiu o meu pedido para realizar o internato no Brasil. Consegui ficar no Hospital Santa Rita de Maringá/PR. Por fim, terminei o curso, com muita dificuldade. A minha irmã Zilda cuidou dos meus 03 filhos menores durante os 02 últimos anos. A Leila, a minha filha mais velha

já havia se casado. Terminado o curso, comecei na luta pelo revalida. Consegui revalidar na UEL/PR e, pensei, agora preciso me especializar, mas, não tinha tempo e nem dinheiro para freqüentar uma residência médica. Foi quando descobri o curso de ultrassonografia na cidade de Ribeirão Preto/SP. Fiquei 30 dias aprendendo, voltei para Goioerê e comecei a fazer exames. Depois voltei outras vezes a Ribeirão para complementar o curso e, no seguinte me inscrevi na prova de título para ultrassonografista e passei. Consegui meu RQE(registro de qualificação de especialista). E, desde então, passados 15 anos como especialista, eu nunca parei de estudar. Tenho pós graduação em psiquiatria e UTI também. Atualmente, tenho 63 anos de idade, trabalho como médica ultrassonografista do consórcio de saúde de Campo Mourão e região, com abrangência de 25 municípios. Sou plantonista emergencista na Santa Casa de Misericórdia de Goioerê, atendo psiquiatria na minha clínica e sou professora de ultrassonografia pela escola, com sede em Maringá.



Foto 1: Sra. Neide, em extensão, no terceiro ano do curso de Medicina, na Universidade Cristiana de Bolívia (UCEBOL), em Santa Cruz de La Sierra/BO.

Fonte: arquivo pessoal

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) - Como foi a sua experiência inicial como mulher em regiões inóspitas? Quais foram as principais dificuldades e limitações relacionadas ao gênero no mundo da ruralidade daquele tempo? Quais foram as suas principais motivações para cursar medicina na universidade de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia?

Neide Calixto – Primeiro, o medo e a insegurança, por um bom tempo, tomou conta de mim. Eu era uma única mulher no meio de 100 homens naquela fazenda. Eu era invisível. Só meu esposo me enxergava. Eu me sentia muito pequena e sozinha. Deus sempre foi minha grande companhia. As minhas principais motivações para cursar medicina na Bolívia, foram os meus filhos. Eu não podia estar ali de braços cruzados esperando se daria certo ou não para o meu esposo. Assim como eu não tinha escolha, eu também não tinha tempo para perder. E, ademais, o sonho do curso estava ao meu alcance.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – Como é a experiência da identidade de gênero no campo da medicina, desde o curso de medicina, e depois na prática médica aqui no Paraná? Qual o papel da cultura neste forjar uma identidade como mulher/médica?

Neide Calixto – Eu, enquanto mulher e médica, sempre enfrentei dois preconceitos. O primeiro com relação a formação como médica na Bolívia e, em segundo, entre a minha decisão de conduta frente a decisão de conduta do médico – gênero masculino, eu ficava pra trás. Por muitos e muito anos eu precisei estar a todo o tempo provando que eu era capaz e que, podiam confiar na minha conduta.

Eu vejo que a cultura engrandece o médico homem, lhe da mais credibilidade e, dentro do campo que eu atuo, o diagnóstico por imagem, quase não se vê mulheres atuantes. A especialidade tem prevalência masculina. Então, se eu não me posicionar como autoridade no assunto, eu não consigo me manter no meio.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – O que você acredita ser a sua contribuição na vida das mulheres ao serem atendidas por uma mulher médica?

Neide Calixto – Vejo que contribuo para o bem estar dessas pacientes durante o exame, já que, se sentem mais a vontade, inclusive para relatar ou questionar seus problemas de saúde e outros, que vão além do orgânico. Lido diariamente com mulheres que perderam a fé, diante de um diagnóstico difícil, mas, Deus, muito presente na minha vida, me acolhe para que eu possa amparar esse sofrimento.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – Que tabus, culturas opressivas estas mulheres ainda carregam diante da exposição e do cuidado com o seu corpo no campo dos diagnósticos médicos?

Neide Calixto – Sim. Essas mulheres ainda carregam tabus como evitar o exame endovaginal, por exemplo. Os seios também são motivo de preocupação para elas e, carregam a cultura de que só buscam por exame após evidenciar que algo não está bem. Uma margem pequena dessas mulheres buscam pelos exames preventivos.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – Com relação a religião e gênero, como a senhora percebe o papel da religião na emancipação da mulher? Ou a religião interfere na liberdade da mulher em sua busca pela igualdade de direitos na sociedade?

Neide Calixto – Comigo eu me apeguei muito à religião e me entreguei a Deus porque eu tinha convicção de que o meu sonho se tornaria realidade e eu acreditei Nele.

Dessa forma, eu na condição de mulher passando por tantas provações, busquei a fé em Deus e ela me colocou onde eu estou hoje. A minha fé em Deus não me deixou parar no tempo, ela me emancipou de qualquer tipo de dependência.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – Qual o maior desafio que a senhora vive no seu trabalho na perspectiva da saúde das mulheres?

Neide Calixto – Embora eu saiba que não depende de mim fazer essas mulheres chegarem na clínica para fazer os seus exames, eu convivo com o desafio de ver muitos exames com seus pedidos fora do prazo, da idade gestacional ideal, por exemplo. Eu fico desesperada de ver uma grávida que deveria ter feito o exame com 20 semanas e vai fazer quando está de 24. Esse é o maior desafio hoje. Há situações que a paciente não pode esperar e, eu vendo que se agravou porque não houve a realização do exame no prazo certo é um desafio enorme. Faço o meu melhor por elas.

Leila Bernabe e Alvorihlert (PPG-DRS, Unioeste) – As nações Unidas, através dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), tem desafiado os países signatários a “atingir a igualdade entre os gêneros e empoderar a todas as mulheres e jovens” (ODS 5). Que ações a senhora percebe, desde o campo da medicina de diagnóstico, para alcançarmos as metas propostas para esta área?

Neide Calixto – Primeiro, suprimir o preconceito existente na área de diagnóstico só por motivo de gênero. No nosso meio, o diagnóstico assinado pelo médico homem é inquestionável. Eu sinto muito isso, quando, por exemplo, em um caso grave, entro em contato com o médico assistente da paciente para relatar sobre o exame. Acredito que a situação tem que ser tratada de dentro para fora, ou seja, desde a família aos bancos das universidades para que nós, mulheres, não soframos humilhações e preconceitos apenas por sermos mulheres.



Foto 2: Dra. Neide Calixto, em 2023, realizando o exame de ultrassonografia, na sua clínica, na cidade de Goioerê/PR.

Fonte: arquivo pessoal

CONCLUSÕES

A batalha diária e a fé, sempre andaram juntas com a Sra Neide. Ela não desistiu porque sabia que Deus havia preparado algo gigante para a sua vida. E, assim aconteceu. Conquistou a liberdade de escolha frente à resistência a tantas críticas e julgamentos, tanto no seio familiar, quanto social, porém, a sua escolha venceu. Venceu também o preconceito por ser mulher e, coincidências a parte, a ultrassonografia a escolheu para que, continue a luta pela liberdade do ser mulher, médica e especialista num campo dominado pelo gênero masculino.